

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS V
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**

**O LIVRO TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO:
POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES**

HANRIETH BIGNON MELLO

Cajazeiras, agosto de 1995

HANRIETH BIGNON MELLO

**O LIVRO TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO
POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES**

Monografia apresentada a UFPB,
Campus V, na disciplina de Estágio
Supervisionado, para obtenção de
grau de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Idelzúte de
Sousa Lima

Cajazeiras, agosto de 1995

“Há mais pessoas no mundo do que antes e a maior parte dela deseja educação. A demanda não pode ser enfrentada com a simples construção de mais escolas e o treinamento de um número maior de professoras. A educação precisa torna-se eficiente.”

- * Entre afetos , fortaleza, resistência, correções, advertências aprende o caminho da responsabilidade, da luta e da vitória, no seio da minha família, ensinados por meus pais, aos quais dedico todo o meu esforço e toda minha glória dessa vida estudantil.

- * Aos professores e colegas dedico esse trabalho, pois que, seus incentivos e críticas, fizeram-me ter sede de aprender, de saber, de descobrir, de pesquisar.

- * Em especial dedico aos meu esposo José Etienne de Oliveira que soube com paciência apoiar-me para a realização dessa tarefa.

- * Contribuindo estiveram amigos outros para que eu sempre me recompusesse das fadigas, dos desânimos, estimulando a prosseguir, para hoje mostrar-lhes que consegui chegar ao final da batalha; que valeram as críticas, estimulantes da minha inteligência; para que afinal eu hoje pudesse depositar nas mãos dos meus pais e irmãos todo o resplendor do meu aprendizado, este, do qual eles foram meus primeiros mestres.

SUMÁRIO

I - APRESENTAÇÃO:

II - INTRODUÇÃO6

III - DESENVOLVIMENTO.....7

IV- MARCO TEÓRICO8

V - METODOLOGIA11

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....12

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....13

VIII- ANEXOS14

INTRODUÇÃO

O tema desse estudo é o livro texto como recuso didático.

A polêmica gerada em torno do assunto nos levou a estudos e discussões realizadas em sala de aula, sobre a temática. Isso despertou em nós o desejo de buscar informações mais substanciais sobre a forma como os professores das escolas públicas trabalham o livro didático. Assim, objetivando o conhecimento mais profundo sobre o assunto, partimos para investigação da problemática na Escola Municipal José Leite Rolim, localizada no bairro Vila Nova desta cidade de Cajazeiras-PB.

Refletir sobre a questão acima torna-se relevante na medida em que o livro didático é um material utilizado na grande maioria das escolas.

Por esta razão, este documento se propõe a uma reflexão, sobre a utilização do livro didático na sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Assim, na escola campo de estágio pode constatar que o livro didático além de ser um instrumento de grande valia, ele vai mais além e substitui o ato pedagógico a medida que o professor utiliza, seguindo mecanicamente “as lições inscritas nos livros didáticos”... MOLINA .

Presenciei durante o período do estágio a realização de um trabalho considerado monótono em sala de aula, porque o professor mandava abrir o livro e seguia ao pé da letra o que estava impresso no mesmo.

As aulas não despertavam o exercício da criatividade, da reflexão, contribuindo para o desinteresse do aluno.

De certa forma o professor é também responsável pela continuidade da “transmissão da ideologia dominante, por meios dos textos de leitura ...” DEIRÓ (p.19)

Isso se deve a vários fatores: Um deles talvez seja a falta de análise crítica aos textos dos livros e ao próprio trabalho em aula. Entretanto os professores afirmam que a alimentação do seu trabalho está diretamente relacionada com a falta de material didático, baixos salários, espaço físico pequeno, falta de reciclagem para professores, etc...

Essas e outras questões perpassam o interior da escola, porém.

“Repensar a prática educativa significa envidar esforços ao lado dos demais profissionais da educação, para superar as contradições existentes na forma de luta ao lado da luta econômica social e política.

MARCO TEÓRICO

Para compreendermos como o livro didático veio a ser introduzido no Brasil, é necessário analisá-lo dentro do contexto histórico nacional.

A história do livro didático no país é permeada pela falta de uma política definida para a questão, sendo pautada “por decretos-leis e medidas governamentais que se sucedem, a partir de 1930”.(FREITAG, 1993).

A discussão em torno do livro didático no Brasil está relacionada ao sistema educacional vigente.

Assim “O livro didático não pode ser estudado de forma isolada “em si”, mas presuppõe o mapeamento das estruturas de poder e economia da sociedade brasileira para que compreendamos o seu funcionamento.” (FREITAG et alii , 1993, p.127).

Os livros didáticos são introduzidos de forma pronta e acabada em sala de aula, sem considerar a realidade do aluno, constituindo-se muitas vezes em elemento, decisivo no processo ensino-aprendizagem.

Afirma CARVALHO (s/d), “entre os materiais didáticos, é este o elemento mais decisivo no ensino, no atual estado da escola brasileira ...”

Diante disso o livro didático, instrumento auxiliar do professor, deixa de ser um referencial e passa a ser uma prática pedagógica em sala de aula.

Parafrazeando FREITAG et alii (1994) “ verifica-se que os livros didáticos como produto de uma indústria cultural tem a função de ocupar espaços, preencher vazios, com a finalidade de impedir que os consumidores se dêem conta das contradições materiais em que vivem e das relações de produção que prevalem na sociedade de consumo.”

Nesse contexto o livro didático assume o caráter de todo o produto da indústria cultural, ou seja os conteúdos são reproduzidos anualmente sem renovação.

Com o “objetivo de idiotizar os consumidores no caso professores e alunos, garantindo seu poder de lucro desviando sua função de educar, o livro torna-se mercadoria.” Enfatiza FARIA (1994) que:

...“O livro didático não é desligado da realidade ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre ...”

Assim sendo, a escola como um dos aparelhos ideológicos do estado, desempenha sua função de inculcação da ideologia dominante. Como diz ALTHUSSER: “... A escola ensina saberes práticos, em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ...”

Esses saberes práticos são transmitidos através dos conteúdos curriculares que por sua vez são desenvolvidos através do livro didático de forma pronta e acabada.

Diante da questão acima, o processo deve conhecer melhor o conteúdo do livro didático, o programa de ensino, etc ... , para usá-lo de outra forma, conforme afirma FARIA (p.8).

Nesse enfoque a concepção ideológica do professor seria a de mediador entre o conteúdo do livro e a metodologia utilizada para trabalhar tais conteúdos.

“De fato a ideologia burguesa é veiculada no livro didático com o propósito de continuar o processo homogêneo de dominação e exploração sobre a classe proletariada ...” (FARIA, 1994).

Isso se dá através das ilustrações, conteúdos, etc ... que se referem a ambientes de criança burguesa, distanciando da realidade da maioria dos alunos pobres da escola pública.

Daí ser necessário uma reflexão mais profunda acerca do livro didático por todos os que fazem a educação, para que num futuro próximo se possa oferecer ao aluno brasileiro, um ensino de qualidade.

METODOLOGIA

A metodologia empregada nesse estudo abordou a temática através de:

- * Revisão bibliográfica com os respectivos fichamentos;
- * Produção do texto a partir das discussões, debates e avaliações em sala de aula a cerca da temática;
- * Seminário, onde cada equipe apresentou seu tema;
- * Observações no campo de estágio;
- * Estudo com os professores;
- * Elaboração da monografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negar a validade de um estágio, porque o mesmo serve de embasamento para futuramente se trabalhar errando menos.

O estágio em si, proporciona ao aluno oportunidade de estudar bastante, consultar diversas fontes, comparar dados, conhecer bons autores, etc ...

Com esse estudo melhorei meu raciocínio e adquiri mais conhecimento.

PONTOS POSITIVOS:

- * O conhecimento mais detalhado acerca do livro didático;
- * A boa orientação e o interesse da professora orientadora em discutir conosco sobre o estágio;
- * A excelente acolhida por parte do pessoal da Escola escolhida para o estágio.

PONTOS NEGATIVOS:

- * Pouco tempo para se trabalhar e aprontar a monografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 2ª ed. Edição geral, Rio de Janeiro, 1995.
- Associação Mineira de Ação Educacional AMAE - Educando Nº 190, Ano XX. Setembro de 1987.
- CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. in: JORNAL DA ALFABETIZAÇÃO, Nº 14. Porto Alegre, KUARUP, s/d.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. Ideologia no Livro Didático. 11ª ed. São Paulo, Cortez 1993.
- FREITAG, Bárbara et alli - O livro didático em questão - 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. Conscientização. Teoria e Prática da Libertação - Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire, São Paulo. ed. Cortez e Moraes, 1979.
- LIMA, Lauro de Oliveira. Estórias da Educação no Brasil. De Pombal e passarinho. 3ª ed. Rio de Janeiro, ed. Brasileira, s/d.
- MOLINA, Olga. Quem engana quem: professor x livro didático 2ª ed. Campinas, SP, Papirus, 1988.

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO:

1. Com relação ao professor:

1.1. A importância que ele atribui a área no currículo.

1.2. Dificuldades que ele encontra para ensinar.

1.3. Seu interesse por

1.4. Formação.

1.5. Importância dada ao livro.

2. Com relação a programação:

2.1. O Programa (plano) é elaborado pelo professor ou vem pronto?

2.2. O programa é idêntico ao que contém o livro?

2.2. O que é programado (plano) é realizado em sala?

3. Com relação aos materiais de ensino:

3.1. Materiais utilizados.

3.2. Os livros são em número suficiente. Quem escolheu?

3.3. Quais outros livros adotados pelo professor. Por que a troca?

4. Com relação as técnicas de ensino:

ANEXOS

TESTE DE 5 MINUTOS

Você pode seguir as instruções indicadas na lista abaixo:

- 01 - Leia tudo antes de fazer qualquer coisa.
- 02 - Coloque seu nome na parte superior direita desta página.
- 03 - Faça um círculo ao redor da palavra “ nome na frase nº 2.
- 04 - Assine seu nome depois do título.
- 05 - Antes do título escreva sim ... sim ... sim ...
- 06 - Faça um círculo na frase nº 4, levante-se e grite: Fiz um círculo na frase nº 4.
- 07 - Coloque um círculo com X na parte inferior esquerda desta página.
- 08 - Desenhe um triângulo em redor do “X”.
- 09 - Multiplique: 2×6.550 no verso desta página.
- 10 - Sublinhe a palavra título na frase nº 4.
- 11 - Some 8.960 ao nº 246 no verso desta folha.
- 12 - Desenhe um círculo em redor da resposta e ponha um quadrado em redor do círculo.
- 13 - Fure 3 buracos no topo deste papel com seu lápis.
- 14 - Sublinhe todos os números desta página.

15 - Agora que você acabou de ler cuidadosamente execute somente as instruções contidas na frase número 1.

16 - Obrigada pela sua cooperação estamos certa de que você estará de acordo de que este teste foi muito interessante.

Objetivo da técnica - Despertar de maneira descontraída a importância da leitura como também de qualquer atividade que exija assinatura ou mesmo resposta.

4.1. Técnicas empregadas p/ ministrar conteúdo.

5. Com relação ao aluno:

5.1. Interesse pelas atividades do livro.

5.2. Interesse por outras atividades.

5.3. Dificuldades de aprendizagem.

5.4. Rendimento em outras áreas.

SUMÁRIO

I - OBJETIVOS	3
II - JUSTIFICATIVA	4
III - METODOLOGIA	15
IV - CRONOGRAMA	16
V - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	17

I - OBJETIVOS

- Aprofundar os conhecimentos sobre a utilização do livro texto como recurso didático.
- Analisar os conteúdos e exercícios propostos no livro didático junto aos professores da escola pública.
- Promover estudos com o professor, numa perspectiva de encontrar outra forma de trabalhar o livro didático.

II - JUSTIFICATIVA

O LIVRO TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES

A história do livro didático no Brasil é permeada pela falta de uma política definida para a questão, sendo pautada “ *por decretos-lei e medidas governamentais que se sucedem a partir de 1930* “. (FREITAG, 1993)

Para compreendermos como o livro didático veio a ser introduzido no campo educacional brasileiro é necessário analisarmos o contexto histórico nacional que ocorria no Brasil, no período que antecedeu a 1930.

A década de 20 caracterizou-se, conforme narra PEDRO (1987) “*por imensas lutas políticas e sociais que questionavam o domínio das aristocracias cafeeiras de São Paulo. Greves e levantes militares eram as formas de protesto contra o poder dos cafeicultores.*”

Economicamente, o Brasil não conseguia manter o mercado comprador de café, pois os países que adquiriam nossos produtos desvalorizam-no cada vez mais.

Os oficiais de escalões mais baixos do exércitos se revoltaram contra o domínio exclusivo dos cafeicultores. Levantaram-se em movimentos armados e violentos contra os donos do poder na República Velha. Esses jovens oficiais militares passaram a ser importantes personagens o cenário político brasileiro.

Foi o acúmulo desses antagonismos que desencadeou a chamada revolução de 1930, que mudou importantes aspectos da evolução de nossa história.

A revolução de 1930, pretendia “*além da modernização do país, a urbanização, a revolução industrial, a democratização da vida política e outros*”. (LIMA, s/d) Assim o grande ímpeto para o desenvolvimento do país e a inserção nos quadros do capitalismo mundial foi a industrialização.

Todavia essa “*modernização*” exigia mão de obra especializada, de modo que a educação não podia permanecer alheia às mudanças. Assim, para atender as exigências do mercado, estruturava-se uma política educacional, que até então não era definida. “*Fixa-se definitivamente um sistema escolar seriado, implanta-se o ensino médio, cria-se o MEC*”. (LIMA, s/d)

Estabelecido o sistema educacional, avoluma-se a quantidade de normas deliberativas legislando todos os aspectos da educação nacional sob a jurisdição desse ministério.

No bojo dessa legislação surge a partir daí os muitos decretos sobre a questão do livro didático. Tais medidas e decretos são definidos isoladamente sem a participação dos professores, pais, alunos, sindicatos e outras categorias que pudessem intervir de forma direta ou indireta na feitura do livro didático.

Parafraseando FREITAG et alii (1993) concluímos que há pouca preocupação com a dimensão do livro didático seja por parte dos historiadores, seja por parte dos autores especializados o que faz com que não haja sistematização da história do surgimento do livro didático no Brasil somadas às discrepâncias da sua função.

Do mesmo modo, a pesquisa sob o livro didático não tem merecido destaque por parte dos pesquisadores, com exceção de algumas iniciativas esporádicas e muito recentemente a partir dos anos 80.

Cumpre-nos todavia, salientar que a discussão em torno do livro didático no Brasil está diretamente relacionada com a questão do sistema educacional e por conseqüência com a análise mais geral do contexto histórico nacional, o que é reforçado por FREITAG et alii (1993):

“O livro didático não pode ser estudado de forma isolada em si”, mas pressupõe o mapeamento da estruturas de poder e econômicas da sociedade brasileira para que compreendamos o seu funcionamento”.
(p.127)

De forma pronta e acabada, os livros didáticos no decorrer da história são introduzidos na sala de aula, sem considerar os níveis e as particularidades de cada turma, constituindo-se muitas vezes em elementos decisivo no processo ensino-aprendizagem.

Assim o livro didático assume este caráter determinante, diante das inúmeras atividades que o professor é obrigado a exercer, trabalhando muitas em três turnos em várias escolas, não dispondo de tempo para estudo e preparação das aulas, na busca incessante de sobrevivência diante das condições porque passa o profissional do magistério, do atual quadro da sociedade brasileira, o que se pode confirmar nas palavras de CARVALHO (s/d):

“Entre os materiais didáticos, é este o elemento mais decisivo no ensino, no atual estado da escola brasileira ...”

Diante disso o livro didático, instrumento auxiliar do professor, desempenha um papel preponderante no dia-a-dia do educador. Todavia ele não pode ser visto isolado da ação pedagógica, mas deve ter correlação com os demais elementos do processo educativo.

Parafraseando FREITAG et alii (1993) verifica-se que o livro didático como produto de uma indústria cultural tem a função de ocupar espaços, preencher vazios, com a finalidade de impedir que os consumidores se dêem conta das contradições materiais em que vivem e das relações de produção que prevalecem na sociedade de consumo.

Sendo assim, o livro didático assume o caráter de todo o produto da indústria cultural, ou seja, seus conteúdos são reproduzidos anualmente sem renovação, com o objetivo de idiotizar os condumidores no caso - professores e alunos - garantindo seu poder de lucro desviando sua função de educar para se tornar mercadoria.

Entretanto, o que deve ser também questionado não é o fato da sua existência, mas a forma como são trabalhados os conteúdos ministrados pelo professor com base no livro didático.

Comumente, se diz que os conteúdos são desvinculados da realidade, no entanto, eles tem uma realidade a cumprir, como enfatiza FARIA (1994):

“O livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre ... (p.71)”

Nesse contexto, a escola como um dos aparelhos ideológicos do estado, desempenha sua função de inculcação da ideologia dominante. Como diz ALTHUSSER: “... A escola ensina “saberes práticos”, mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ...”

Esses saberes práticos são transmitidos através dos conteúdos curriculares. Uma das formas que a escola encontra para desenvolver seus conteúdos é através do livro didático. Esse muitas vezes impede que as crianças sobretudo, os filhos dos trabalhadores adquiram, organizem e formulem a sua própria ideologia.

De fato, a ideologia burguesa é veiculada no livro didático com o propósito de continuar o processo hegemônico de dominação e exploração sobre a classe proletariada. Isso se dá por intermédio dos conteúdos e ilustrações que referem-se a ambientes e vivências da criança burguesa, distanciando-se da realidade da criança carente, que também se utiliza do livro didático.

Diante da questão supracitada alguns pesquisadores dentre eles Belloni e Silva (1983), apontam como solução a regionalização desse material didático defendendo que só assim haveria condições de trabalhar de acordo com a realidade próxima do aluno.

Dessa forma, a discussão em torno da regionalização toma longo alcance, pelo aspecto dúbio com que se apresentam, ao reduzir a oportunidade de alargar os conhecimentos e reforçar a exclusão dos já excluídos da sociedade. Sem contar com a questão, particularmente dos nordestinos que são tratados diferentemente dos povos do sul do país, em todos os aspectos preponderantemente do ponto de vista intelectual /cultural.

Ademais, a regionalização no atual sistema educacional brasileiro e por consequência, da sociedade como todo tem um caráter de limitação do universo vocabular. Nos apoiamos em FREITAG et alii (1993) para afirmar que:

“A regionalização do livro didático no Brasil somente teria condições de produzir um livro de melhor qualidade se ocorresse uma reestruturação global no sistema educacional e uma elevação geral do nível de profissionalização de todos os agentes envolvidos.” (p.38)

Com efeito, esta reestruturação precisa ser efetivada. Entretanto, da forma como está estabelecida a classe oprimida nada teria a ganhar com a regionalização do livro didático porque seu conhecimento ficaria de forma restrita, limitada somente a seu meio, impedindo que haja uma preparação maior de decisões conscientes para a realidade na qual vivemos, o que pode ser constatado por FREITAG et alii (1993):

“A limitação da criança à (...) sua comunidade a restringe a um universo muito limitado,, sendo necessário, via escola, dar a essa criança a oportunidade de ter acesso a língua de cultura, com a qual se abrem seus horizontes para o mundo, além das fronteiras de sua comunidade ou favela”(p.34)

Retratar somente as vivências da criança nua e crua, não iria contribuir em nada para superá-las, ao contrário iria sedimentar cada vez mais as desigualdades. Segundo, cabe ao professor a séria responsabilidade de trabalhar os conteúdos numa perspectiva que busque meios de evitar a consolidação do processo de marginalização e sua condição de classe.

Nesse enfoque, a concepção ideológica do professor se constitui no ponto crítico da questão, por ser ele o mediador entre o conteúdo do livro didático e a metodologia utilizada para trabalhar tais conteúdos .

Outra questão em foco, é o direito atribuído ao professor de escolher o livro. Encontra-se aqui um grande paradoxo, pois na sua prática cotidiana o professor não encontra respaldo para efetuarlo eficazmente, seguindo os requisitos necessários para se fazer uma escolha criteriosa. Como nos assegura LAJOLO (1987):

“O direito que tem o professor de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na prática, com a falta de condições concretas para exercer este direito ...”(p.6)

Em face a essa situação contrastante é mister re-pensar as condições em que são escolhidos nos livros didáticos para adoção nas escolas. Ela é feita sem análise, sem reflexão só com base no catálogo distribuído pelo MEC. A maioria dos professores não tem acesso ao exemplar e termina escolhendo pelo título ou por indicações de terceiros.

Assim, pouco adianta ter o poder de escolher quando não se sabe o que e como escolher. Conforme salienta SOARES (1994):

“Nosso problema crítico é a formação do professor. É preciso fazer uma reformulação dos cursos de 2º grau, assim como do superior, inserindo conteúdo com o que o professor vai ensinar (...) É preciso um grande investimento na formação dos professores, porque são eles que escolhem os livros.”

(Revista Nova Escola, Nº 79/OUT. 1994)

Diante da inércia de alguns professores, o aluno utiliza o livro, fica em segundo plano. A preocupação reside na mediatização dos conteúdos, sem considerar as necessidades e afinidades do educando.

O que se percebe é que os livros, aos quais a maioria das crianças tem acesso, omitem as dificuldades de uma sociedade em contradições, onde uma minoria tem condições favoráveis de estudar, alimentar-se, viver, e a grande maioria confronta-se com a escassez de alimentos moradias e outros fatores indispensáveis à vida do ser humano.

Os conteúdos livrescos quase não apresentam essas diferenças e quando as ilustram é como se fossem características naturais entre os homens, fazendo-se crer que todos são afetados quando na verdade os prejudicados são aqueles que confrontam-se dia-a-dia com essa antagonismo.

A escola por sua vez, difunde essa contradição, sendo mais um veículo de inculcação ideológica, que se dá de forma organizada e planejada, garantindo a estabilidade do sistema social contribuindo para que os educandos sejam passivos e conformistas com a sua condição de vida, segundo afirma FARIA (1994):

“A educação na sociedade capitalista tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo o papel é o de reproduzir a sociedade burguesa, através da sua ideologia ...”
(p.8)

Com isso, a escola baseia-se num modelo autoritário, onde as crianças devem respeitar, obedecer e seguir ordens e padrões pré-estabelecidos, conseguindo dessa forma, *“transformá-las em seres obedientes e provavelmente, cidadãos pouco criativos, conformados diante de toda e qualquer autoridade, pequenos robôs, que só agem seguindo ordens”*. (DEIRÓ, 1989; p.75)

Desse modo, a escola reforça através do livro didático o processo de dominação sobre a classe trabalhadora, reproduzindo os interesses do capital, não desenvolvendo o senso crítico do aluno, segundo nos assegura FARIA (1994):

“ ... O livro sistematiza a ideologia burguesa, amortiza o conflito realidade x discurso dizendo que o verdadeiro é o segundo. (...) Assim, o livro didático contribui para a reprodução da classe operária ... ”(p.77)

Diante dessas considerações surgem algumas implicações acerca do livro didático que nos instiga a analisar quais as suas potencialidades e limitações no cerne do processo ensino-aprendizagem na realidade objetiva das nossas escolas.

O livro didático constitui-se até certo ponto em vilão por viabilizar mensagens ideologizadoras e deformadoras. Entre estas podemos destacar a relação entre os brancos e os índios apresentados nos livros, como enfatiza DEIRÓ (1981), *“que se dá de forma estereotipada e vertical, onde os primeiros são os doadores da verdadeira cultura, e civilização superior, enquanto que os segundos são os receptores “selvagens” e “ignorantes”.*

Por outro lado o livro didático torna-se necessário por ser o único elo que algumas crianças tem com a escrita, em escolas onde não há acesso a nenhum outro material didático. Conforme salienta CARVALHO (s/d):

“O livro didático é um mediador necessário por corporificar a forma escrita nas escolas da rede pública, nas escolas da periferia e do interior, onde não tem nem sequer jornal e revista.” (p.7)

Confirmando essa posição MOLINA (1988) destaca que o livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele não pode ser muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato.

Daí ser necessário uma reflexão mais profunda acerca desse material didático no sentido de analisar até que ponto ele se constitui um elemento de interferência positiva ou negativa no processo ensino-aprendizagem.

Assim, consideramos importante estudar essa temática por oportunizar uma reflexão crítica do problema, dando-nos condições como supervisoras de contribuir com os professores em busca de uma outra forma de trabalhar o livro didático.

- CRONOGRAMA

ATIVIDADES	MESES																
	SEMANAS																
	ABRIL				MAIO				JUNHO				JULHO				AGOSTO
	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X	X	X											
Visita a Escola						X	X										
Observação em Sala de Aula								X	X	X	X	X	X	X			
Estudo com Professores													X	X	X		
Elaboração do Trabalho Final					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Apresentação da Monografia																	X

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 2ª edição. Edição Graal, Rio de Janeiro, 1985.

CARVALHO, Nelly. O livro didático. In: JORNAL DA ALFABETIZADORA Nº 14. Porto Alegre, KUA-RUP, s/d.

FARIA, Ana Lúcia G. de . Ideologia no livro didático - 11ª ed. - São Paulo, Cortez, 1993.

FREITAG et alli - O livro didático em questão - 2ª edição - São Paulo, Cortez, 1993.

LIMA, Lauro de Oliveira. Estórias da Educação no Brasil: De Pombal a Passarinho. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Brasília, s/d.

MOLINA, Olga. Quem engana quem: professor x livro didático - 2ª ed. Campinas, S.P. Papyrus, 1988.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas deiró. As belas mentiras: a ideologia subjacente dos textos didáticos. 11ª ed. - São Paulo; Moraes, 1978.

PEDRO, Antônio. História do Brasil: FTD, 1987.

REVISTA EM ABERTO - Órgão de divulgação técnica do Ministério da Educação - Brasília, ano 6, Nº 35 JUL/SET. 1987.

REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 79 / OUT. 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CFP - CAMPUS - V -
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO: *PEDAGOGIA*
DISCIPLINA: *ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM*
SUPERVISÃO ESCOLAR

**O estágio supervisionado de pedagogo supervisor:
propostas de ação**

Orientadora do Estágio:
Professora: *Idelzuite S. Lima*

Cajazeiras, Abril de 1995

SUMÁRIO

I - APRESENTAÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVO.	3
II - CONTEÚDOS	4
III - METODOLOGIA	5
IV - AVALIAÇÃO	5
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	6
VI - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	9

I - APRESENTAÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

De modo geral é no momento do estágio curricular que se dá a passagem de estudante para o profissional. É nesse momento que ele descobre na sua formação: suas mazelas, suas inconsistências teórica-metodológicas, seus pontos críticos. Enfim, a “caixa preta” da sua formação.

Essa situação, já antiga, impõe dos professores de estágio curricular tarefas desafiantes, no sentido de tentar reconstruir em, no máximo dois períodos letivos, toda trajetória acadêmica dos alunos e conceber essa atividade como um período de preparação e iniciação profissional.

Nesse sentido, pensamos que o Estágio Curricular em Supervisão Escolar que ora orientamos deverá contribuir para a formação do pedagogo supervisor, no sentido de proporcionar uma maior compreensão teórica-metodológica dos fenômenos educativos, bem como aproximá-lo dos problemas intra-escolares na perspectiva de deslumbrar saídas a partir de embasamento teórico e da prática coletiva no âmbito das escolas, considerando que será ele, enquanto profissional da educação, um dos elementos agilizadores de processos escolares que possam significar um novo tipo de educação que atenda aos interesses e anseios das sociedade brasileira.

A nossa proposta de trabalho para o estágio supervisionado em supervisão escolar permitirá que os alunos tenham os fundamentos teóricos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia às tentativas operacionais de suas Propostas de Ação, veiculando o saber sistematizado à realidade das escolas, campo de trabalho, fortalecendo dessa forma, a produção de conhecimento e a sua formação enquanto educador consciente e comprometido com a realidade brasileira.

II - CONTEÚDOS

TEMÁTICAS OPERACIONAIS:

- * Planejar para que ? Uma proposta de planejamento na escola X.
- * O livro-texto como recurso didático: potencialidades e limitações.
- * Alfabetização: confronto de teorias x aprendizagem em escolas públicas, privadas e alternativas.
- * Contos de fadas ou realidade ? Um estudo de História do Brasil na 5ª série.
- * Ciclos de pais e mestres em escolas rurais: para além da tentativa de aproximação.
- * Livro didático: seu papel no processo ensino-aprendizagem.

III - METODOLOGIA:

A proposta do curso para o Estágio Supervisionado será desenvolvida basicamente em duas etapas: uma teórica e outra prática.

A primeira constará de uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico e organização da abordagem de campo, que caracterizará a segunda etapa da proposta.

Faz parte também dessa proposta, organizar eventos internos (seminários, encontros, mesa redonda, etc) onde os estagiários relatarão suas experiências, ao tempo em que se sistematizarão seus conhecimentos no confronto com a problemática da ação Supervisora.

Dessa forma, os alunos terão oportunidades de transmitir suas experiências profissionais e ou acadêmicas.

IV - AVALIAÇÃO

A AVALIAÇÃO COMPREENDERÁ:

- 1 - O processo de produção intelectual da aluna (as condições em que este se deu, a finalidade do instrumental teórico, a bibliografia, etc);
- 2 - A própria produção (aprofundamento teórico, a escrita, a redação, a qualidade, etc);
- 3 - Desempenho e nível de qualidade na realização dos eventos internos;
- 4 - A defesa do trabalho perante a banca examinadora (se for o caso).

V - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU E MACETTO . O professor universitário em sala de aula.
São Paulo, Cortez.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. tradução de Wagner J. Evangelista e Maria L. V. Castro. 2ª ed. Rio de Janeiro. 1985.

- ARROYO M.G. Pátria amada, ignorada. Em aberto. Brasília 7: (37) Janeiro/MAÇ. 1988.
- AZENHA, M. G. Construtivismo - de PIAGET a EMÍLIA FERREIRA. São Paulo, Princípios, 1993.
- BARROS, Aidil J. P. e LEHFELD N. A. S. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, Vozes, 1991.
- BUARQUE, L. L. e REGO, L. L. B. Alfabetização e construtivismo: teoria e prática. Recife, Ed. Universitária, 1994.
- CARDOSO, B e TEBEROSKY, A. Reflexões sobre o ensino da leitura e a escrita. 5ª ed. Petrópolis, Vozes . 1993.
- CARVALHO, M. C. M. (Org). Construindo o saber. 4ª ed. Campinas, Papyrus, 1994.
- CHARLOT, B. A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DEIRÓ, M. L. C. As belas mentiras. 11ª ed. São Paulo, Moraes, 1978.
- FARIA, A. L.G. Ideologia no livro didático. São Paulo, Cortez, 1986.
- FEIL, R.T.S. Alfabetização - um desafio novo para um novo tempo. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre a Alfabetização. 22ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- FREITAG et alii. O livro didático em questão. São Paulo, Cortez, 1993.

MOLINA, C. Quem engana quem ? O professor x livro didático, 2ª ed. Campinas. Papirus, 1988.

ROSA, G. S. Construtivismo e mudança. 2ª ed. São Paulo. Cortez, 1994.

SOARES. G.M. R. Estudo comparativo de métodos de ensino da leitura e da escrita. 3ª ed. Papelaria América e Editora, 1983.

TURRA, E. A. L. Planejamento de Ensino e Avaliação. São Paulo. Sagra

VIGOLVINO, N. D. Mulher professora leiga: vida e trabalho. Dissertação de mestrado. PUC - Rio de Janeiro, 1989.